

Entre os anos de 1980 e 1981 escrevi uma página semanal sobre Literatura no jornal O Povo, "Companhia do Escritor", onde conversava com escritores da época, como nestas páginas que se seguem voltadas para Manuel Eduardo Pinheiro Campos.

Beatriz Alcântara

EDUARDO CAMPOS

"Em teatro, os personagens efetivamente existem além das intenções e ações."

EDUARDO CAMPOS E O TEATRO DE CRÍTICA SOCIAL

Por diversas vezes temos questionado na Companhia do Escritor o papel, ou melhor, o compromisso, do escritor com o meio a que pertence.

Desde os mais remotos tempos, os homens de letras têm colocado sua palavra a serviço exclusivo de postulados ideológicos e apesar da armadilha do envelhecimento das propostas, alguns deles são lidos até hoje, como a poesia condoreira de Castro Alves.

No Ceará de nossos dias, Eduardo Campos, como observador sensível e astuto do panorama social que o rodeia, pôs a arte do seu teatro em proveito da denúncia de injustiças sociais. O desamparo e a miséria da população desprivilegiada são a temática explorada pelo Autor em suas peças de teatro de maior renome: O Morro do Ouro, A Rosa do Lagamar e Os Deserdados. Porque às peças de teatro associa-se um palco, atores defendendo as personagens e os diálogos a exprimir o ideário proposto, parece-me que este gênero da Literatura seja o mais adequado ao engajamento, sobretudo porque gera a empatia do espectador para com os oprimidos e assim os assistentes sejam cativos do processo de modificação das estruturas sociais.

Manuelito Eduardo, como carinhosamente é conhecido, achou no Teatro de denúncia a expressão mais forte do seu fértil labor literário.

Talento versátil, E. C. é ainda autor de obras de romance, ensaio, pesquisa histórica e folclórica e no conto revelou-se, mais uma vez, um mestre.

B.A.

CONVERSANDO

- Quando e como surgiu sua vocação para a Literatura?
- A vocação, mal comparando, é um quer que seja que se tem, sem

perceber, e logo compreendido pelos estranhos. Viu-a, em mim, em dia de aniversário (eu fazia oito anos), tia Elvira, presenteando-me com um livro de histórias. Não muito por diante, achei que podia também escrever “minha” história. Corria o ano de 1932 quando engendrei, em manuscrito, uma narração cheia de mistérios. Terá sido esse o meu primeiro trabalho literário, posto em folhas recortadas, quais a de um livro, e encadernadas com ilustrações (igualmente minhas) e capa de cartolina azul.

- Raquel, a empregada que me ajudou a criar, diante do feito, não se conteve: “Que besteira é essa?” E eu, orgulhoso: “Meu livro”. Era mais: semente de tudo que, florescente, viria depois.

- Que autores foram importantes para a sua formação literária?

- Em nossa casa, disse antes e repito agora: havia poucos livros. Em rigor, apenas O Guia Prático da Saúde, Guia do Lavrador e um dicionário, capa preta, assinado por Gustavo Barroso. No entanto, a pouco e pouco, tal indigência bibliográfica foi melhorando pelo caminho das obras de aventuras e enigmas. Vieram Doyle, Sax Rohmer, Júlio Verne, Emílio Salgari... Mais crescido, já lia José de Alencar; repetia trechos do Tição do Inferno, de Gustavo Barroso. Daí não demorou logo descobrir Machado de Assis e Aluísio de Azevedo. Ao expirar dos anos trinta, eu já conhecia os autores do modernismo, sem saber que, em 1943, iria dialogar com Manuel Bandeira, Marques Rebelo e Mário de Andrade, este a me influenciar de modo particular, por me querer bastante e acreditar em meu possível talento. Registre-se: havia o bom hábito de escrever cartas, exercitado com bondade e conselhos. O pouco que realizei, à época, devo certamente a esse clima de afinidade intelectual, admirável. Sob esse contexto (de afinidade e influências) tive meus “patrocinadores”: Renato Viana, Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, etc., etc. Gustavo Barroso, no Ceará, dar-me-ia a necessária consciência de amor à nossa terra.

- Onde realidade e imaginação se encontram e desvanecem fronteiras?

- No limbo da criação, quando nasce o personagem ficcional. É o exato momento em que “acontece” o autor, e sentimos, como no efeito biológico da procriação, o repasse de algo que nos pertencia exclusivamente “nosso” e em “segredo”. Nesse exercício de atividade criadora, do conto ao romance, nada é comparável ao processo de elaboração teatral. Na ficção, os personagens, por mais bem concebidos que sejam, são apenas passíveis de nosso esforço para visualizá-los. Em teatro, os personagens efetivamente existem além das intenções e ações.

- O que mais lhe seduz: teatro, conto ou ensaio?

- O teatro, naturalmente, que é indiscutível em toda a minha modesta obra literária e artística. A atmosfera de drama pode ser percebida no conto, no próprio romance e até na oratória, que aprecio exercer. Não sei explicar. Há sentimentos e coisas que apenas entendemos. E é privilégio entendê-los.

- Haverá um impulso centrífugo que leva o escritor a estar sempre voltado para dentro de si?

- Em muitos autores, sim. Sou de outra dinâmica física, centrípeta. Compreensível, então, a minha acentuada não introversão, certa tendência para dizer, transmitir. E nisso está, sem dúvida, a marca da atuação teatral.

- Qual seria a “missão” da Literatura?

- Tornar o homem mais receptível não apenas aos seus próprios sentimentos, mas aos do mundo, o que vale dizer, da própria sociedade em que vive. Conquanto de 1800, continua válida a definição de Mme. Stael: “a Literatura é a expressão de uma sociedade”.

- Alguma desilusão como escritor?

- A desilusão é um permanente ingrediente ainda que indesejável - na vida do autor. Em certos momentos, é valiosa, pois fortalece o espírito, que reage para alcançar novos objetivos. Em jargão médico: uma virose a que sempre estamos sujeitos. Já padeci dela.

- Algum projeto literário posto de parte?

- Apenas aguardando dia de mais vagar. Como ando apaixonado pela temática ensaística, coloquei o conto em desvio, livro preparado há tempo: O Escrivão das Malfeitorias. E outro, mais próximo de ser publicado: Na Flor da Idade. O título é terrível lugar-comum, mas conto aí toda a gesta de minha infância e adolescência, lembrado da frase de um grande autor teatral: H. R. Lenormand: “El niño produce su miel con culguier flor”. Tive também o meu jardim, mais flores do que cactus sem floração.

- Faça um julgamento da situação cultural do Ceará, no momento.

- Vários fatores estão concorrendo para comprometer nosso desempenho cultural, em segmento mais desejável: o da atividade literária. Aí, grave a desídia administrativa, em todos os graus, não patrocinando nem estimulando o exercício das letras. Assim, vai-se apoucando o apenas circunstancialmente representado por um ou outro evento mais significativo, ou atuação intelectual personalizada, sem contudo exibir aquela pretensão anterior - mantida durante anos - de liderarmos a cultura nordestina. O D. O. Letras, da IOCE, foi a última manifestação de rejeição cultural. O jornal deixou de ser impres-

so, quando todo o material já havia sido fotolitado. Que indicativo maior de desinteresse oficial?

- O que julga fundamental a um bom escritor?

- A autenticidade e respeito ao seu semelhante. Fórmula simples, redefinível de várias maneiras, sem esquecermos o alcance da valorização do interesse social.

- Que apreciação pode fazer sobre os nossos sodalícios?

- Em rigor, que se reatualizem. As nossas agremiações literárias têm-se mantido em estado de perigosa enfermidade, o conformismo. E “pega” fácil nos novos associados. Como por hoje as freqüento pouco, só me resta aconselhá-las a que insiram em suas pautas a discussão dos livros mais importantes publicados no país. Desse modo, o conhecimento cultural não ficará restrito apenas aos que têm maior poder de compra.

CARROSSEL

Prece - Reconciliação com Deus.

Personagem - Algo muito ligado ao autor.

Sucesso -Estupefaciente perigoso.

Árvore - A sombra e os frutos.

Amigo - Quem acode na dor.

Verso - Palavras arrumadas com emoção.

Crime - O pecado social que está nos códigos.

Papel em branco - Desafio a quem escreve.

Estrela - Nem sempre está no céu...

Infância - Inocência que jamais se esquece.

Verbo - Amar, amando.

Aurora - O despertar.

Baú - Arca de memórias.

Encontro - O inesperado na vida.

Moda - A vaidade circunstancial.

Azul - A cor que devia tingir os sonhos.

Abismo - A infelicidade sem ponte de passagem.

Eremita - O “eu” que deseja permanecer só.

Janela - Espaço de olhar e ver.

Noite - Certeza de não tardar o dia.

Paixão - O amor desarvorado.

OBRA

Cena de Rosa do Lagamar: a hora do despejo. Último ato.

Oficial de Justiça: D, Rosa, me desculpe. Se verificar, descobrirá que foi vítima de um logro. Este terreno pertence à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Aqui vai passar o prolongamento da belíssima Av. Desembargador Moreira.

Emília: Meu Senhor, eu sou analfabeta de pai e mãe, como se diz, mas acho isso tudo muito errado. Se era proibido fazer, casa aqui, por que a Prefeitura não fiscalizou?

Oficial de Justiça: Isso não é problema meu. Eu sou um oficial da Justiça.

D. Rosa: (Tirando o papel do bolso) Mas eu tenho a minha escritura. Repare os selos.

Oficial de Justiça: (Quase a rir, após verificar) Uma folha de papel almaço, minha senhora! O selo, aí, é selo de carta. Tudo falso! Um pedaço de papel.

D. Rosa: Um pedaço de papel? Por acaso o seu, mandando me despejar, não é também um pedaço de papel? Por que não deve acreditar no meu, para acreditar no seu?

Oficial de Justiça: D. Rosa, estamos perdendo tempo. Já disse que cumpro ordem. Sou mandado.

Emília: Mas está cumprindo ordem errada!

D. Rosa: Não se meta, Emília.

Oficial de Justiça: E outra coisa: não estou aqui para ser criticado.

Emília: Engraçadinho! Vem botar a mulher pra fora de casa e ainda se acha merecido! Só mesmo no Curu!

D. Rosa: Só sei que o chão é meu..., a casa é minha. O Senhor precisa considerar que empreguei nela as minhas economias. Vamos, seja bonzinho.

Oficial de Justiça: (Perdendo a paciência) Olhe, pela última vez: é preciso desocupar a casa. E agora, que eu não posso demorar.

D. Rosa: E eu, pra onde vou? Fico no meio da rua? Vamos fazer um acordo. Eu saio amanhã... Vou pra onde quiserem. Mas, hoje, não. Quero ficar em paz com as minhas tristezas...